

HUMANISMO

PERSONALIDADE

Personalidade deriva do latim - *persona* - que significava máscara, ou seja, aquilo que queremos parecer aos outros. Na Psicologia a Personalidade é uma organização dos vários sistemas físicos, fisiológicos, psíquicos e morais que se interligam, determinando o modo como o indivíduo se ajusta ao ambiente em que vive.

A personalidade vai se fazendo ao longo do tempo, desde o nascimento até a idade adulta, porém, devido à interação com o meio em que vivemos e à intenção inata de nos comportarmos como os outros desejariam que fossemos, esse desenvolvimento poderá não levar a pessoa à auto-realização, no sentido de seu Eu real, mas em outras direções menos saudáveis para o bem estar do indivíduo, tais como a do Eu-orgulhoso, a do Eu-coitadinho ou a do Eu-fatalista.

Para uma criança se desenvolver normalmente ela tem de se sentir aceita da forma que é. Ela pode ser corrigida e castigada se for preciso, mas deve se sentir aceita apesar disso, de modo a não afetar o conceito que tem de si mesma. A corrigenda e o castigo devem ser impessoais, sem ofensas à criança. Use mais a palavra Eu do que a palavra Você. Diga "Eu não quero", mas nunca "Você é um burro". O importante não é se estamos aplicando o castigo justo, mas a nossa generosidade na sua aplicação. Caso contrário, se a criança se sentir rejeitada, poderá construir, quando mais crescida, um novo conceito distorcido de si mesma, no qual tenta criar uma falsa ideia de superioridade, entendendo, por exemplo, que a agressividade passa a ser força, a indiferença passa a ser sabedoria e no qual a piedade é vista como algo inferior. O Eu-submisso se transformaria falsamente, nestas circunstâncias, em perfeição cristã e santidade.

As aspirações normais nascem do desenvolvimento da auto-realização harmoniosa e não da necessidade de realizar um Eu-idealizado. As atitudes que a criança desenvolve no Lar tornam-se seus futuros comportamentos mais tarde, como adulto.

O que podemos entender sobre personalidade? Existem muitas linhas de estudo na psicologia e cada uma delas mostra um "conceito" sobre o que é personalidade. Em linhas gerais, a personalidade é definida pela totalidade dos traços emocionais e de comportamento de um indivíduo, ou seja, seu caráter. Seria como se traduzíssemos aquele jeito de ser da pessoa, o modo de sentir as emoções ou agir do outro.

É muito comum a confusão que fazemos com tantos termos utilizados nos meios de comunicação, entre amigos, nos bate-papos, feitos até mesmo de forma inadequada. Já pensou quanta coisa você já ouviu dizer?

Temperamento, personalidade e caráter são palavras utilizadas com frequência há muito tempo, mas quase sempre de forma confusa ou mesmo errônea.

Mas, então, qual a diferença entre temperamento e personalidade?

Temperamento representa a peculiaridade e intensidade individual dos afetos psíquicos e da estrutura dominante de humor e motivação. Foi um dos primeiros estudos na medicina sobre a correlação entre os humores corporais e as reações humanas, divididos entre fleumático, colérico, sanguíneo e melancólico. Entende-se ainda como uma disposição inata e particular de cada pessoa, pronta a reagir aos estímulos ambientais. É a maneira interna de ser e agir de uma pessoa, geneticamente determinado.

Personalidade é formada durante as etapas do desenvolvimento psicoafetivo pelas quais passa a criança desde a gestação. Para a sua formação incluem tanto os elementos geneticamente herdados (temperamento) como também os adquiridos do meio ambiente no qual a criança está inserida.

A personalidade é única, adaptável, mutável, dinâmica e ligada a uma estrutura biopsicossocial. Mesmo que tenhamos traços parecidos com os de outra pessoa, somos únicos, porque vivemos de forma diferenciada cada fase de nossa vida. Somos apresentados a estímulos (escola, lazer, religião, etc.) de uma forma particular e isto, em sua totalidade, nos dá essa vivência.

Alguns fatores, chamados de hereditários, determinam nossa forma de ser desde nossa concepção: estatura, reflexos, temperamento e toda a herança genética dos pais colaboram com a personalidade. Mas, convivendo em sociedade, temos nossa personalidade influenciada por aspectos ambientais, ou seja, aqueles ligados à cultura, hábitos familiares, grupos sociais, escola, responsabilidade, moral, ética, dentre outros. Tais experiências vivenciadas pela criança vão, portanto, formando sua personalidade.

Ao passo que as características temperamentais podem ser identificadas já cedo, na infância, a personalidade é moldada durante os períodos de desenvolvimento infantil. Através do caráter de cada um, que é composto das atitudes habituais de uma pessoa e de seu padrão consistente de respostas para várias situações, que incluem aqui as atitudes e valores conscientes, o estilo de comportamento (timidez, agressividade e assim por diante) e as atitudes físicas (postura, hábitos de manutenção e movimentação do corpo) notamos o desenvolvimento humano. Ou seja, o caráter é a forma com que a pessoa se mostra ao mundo, com seu temperamento e sua personalidade; é a expressão do temperamento e da personalidade por meio das atitudes de uma pessoa. Quando conhecemos o caráter do outro, notamos claramente a manifestação da personalidade e o temperamento da pessoa. Conhecemos, então, aquilo que essencialmente determina os atos de uma pessoa.

A maturidade se faz na personalidade quando o indivíduo é capaz de:

- Compreender sua história familiar, aceitando-a e convivendo com ela.
- Compreender suas emoções: saber distinguir entre certo e errado, sobre o que devo ou não fazer, sobre o fim de um relacionamento ou aquela paciência que se desenvolve entre os casais, entre as pessoas que se amam.
- Administrar suas responsabilidades e ter senso crítico sobre aquilo que assume, seja no trabalho, nos relacionamentos, no ambiente social do qual participa.
- Aceitar-se tal como você é: com seus talentos, com suas limitações, com sucessos ou insucessos, com as habilidades ou limitações físicas; isso permite conviver e desenvolver aquilo que for necessário.
- Autoconhecimento: chave para que todos nossos conteúdos se integrem e que nossa vivência social se torne mais adequada em cada momento de nossa vida.

Para tudo isso, não há uma fórmula mágica, mas as experiências sociais, religiosas, vivências de modo geral, auxiliarão de modo particular esse processo. E assim a maturidade, nossa percepção, crescerá gradualmente.

A personalidade de alguém é o fator determinante da conduta de uma pessoa, sua maneira habitual de ser, aquilo que a distingue de outras pessoas. É a personalidade que determina a forma como determinadas pessoas reagem a determinadas situações. Um dos fatores determinantes do comportamento, portanto, é a personalidade.

Defeitos de personalidade são percebidos analisando parâmetros como: conflitos com a sociedade e deformidade de caráter, podendo ser determinado por manifestações agressivas, medos irracionais, irritação, depressão, comilança, entre outros abusos. Por sua vez, uma personalidade restaurada reflete o amor de Cristo: ama suas características pessoais e as observam como um veículo da imensa graça e poder de Deus.

Outro fator a ser analisado é a mudança de temperamento. Muitas pessoas que se dizem tímidas, quando querem conhecer pessoas novas, ficam com receio de aproximação e de compartilhamento de experiências. A timidez, quando chega ao ponto de impedir a comunicação (e o Senhor nos fez como seres comunicativos), torna-se um defeito de personalidade. Os defeitos de personalidade acarretam diretamente no temperamento dos indivíduos. Uma personalidade restaurada reflete o equilíbrio.

HUMANISMO

LIDERANÇA

Para essa atividade é preciso a interação de todos. Faremos um teatro onde todos participarão ativamente. Não será preciso falar. Só interpretar aquilo que se pede. A cada ação interpretada faremos uma reflexão.

Imagine que a IGREJA CATÓLICA seja uma grande companhia de viagem que liga a TERRA com o CÉU e a JUFRA seja um dos meios de transporte para realizar tal viagem. Você acabou de ser recrutado para fazer essa viagem, mas você não é um passageiro qualquer, você será um dos motoristas, pois como a viagem é longa serão necessários vários motoristas para que se consiga alcançar o objetivo.

Como um bom motorista você deverá verificar o ônibus que você irá dirigir. Os pneus estão em condições? Será preciso fazer algum reparo? Tudo isso por que vidas estão envolvidas, inclusive a sua. Além disso, você precisa traçar um roteiro de viagem, quantas paradas irá fazer e onde irá parar, qual caminho seguirá, a que velocidade irá andar, etc.

Nesse momento você deve estar se perguntando: Mas o que um motorista de ônibus tem haver com esse tema? Sempre que falamos em liderança nos vem à mente os notáveis de um povo. Quando pedimos para que alguém cite algum líder, na maioria das vezes, os nomes citados são de grandes personalidades históricas, políticas e, às vezes, religiosas, mas ninguém se vê como líder ou cita pessoas do cotidiano.

Um motorista? Como? O que ele faz de tão importante? Ser líder é exercer a coordenação e orientação de um grupo de pessoas em diversos segmentos, como por exemplo: no esporte, no trabalho, na comunidade religiosa, o que inclui a JUFRA, e na comunidade em que vivemos, independente da função que ocupamos.

Uma das maiores virtudes de um líder é exercer a liderança em prol do bem comum. No entanto, assumir essa maneira de ser líder é um desafio. Pensemos no motorista de ônibus. O volante está na mão dele, e, se ele quiser o povo irá para onde ele decidir.

Muitos são os líderes que se deixam levar por ambições próprias e, por isso, tornam-se responsáveis por atitudes que prejudicam tanto a si próprios quanto a outras pessoas. Por esse motivo são reconhecidos como líderes que visam unicamente seus próprios interesses, o seu bem-estar. Certamente, você acompanha notícias de exemplos de líderes que não souberam exercer o seu papel de forma positiva, usando mal suas potencialidades, prejudicando a si e ao próximo.

Ser líder consiste em dispor generosamente de dons e habilidades como meio de estar a serviço das necessidades de uma comunidade, propondo-se a realizar ações solidárias contribuindo com discernimento nas

decisões, na resolução de conflitos, na divisão de responsabilidades. Dentre as muitas atividades de um líder, a sua principal função está em ouvir as pessoas, em considerar o que elas dizem, em conhecer os seus sonhos e as suas esperanças.

O exercício da liderança é um fenômeno presente na história dos povos do mundo todo. Muitos são os líderes que se tornaram conhecidos ao longo dos séculos (Hittler, Luter King, Moisés, Zumbi dos Palmares, JESUS, Francisco de Assis, Pais, Presidentes, etc) e, ainda hoje, continuam servindo como exemplos e sendo admirados em diferentes sociedades e culturas.

Entre as diversas formas de manifestação do fenômeno da liderança, encontram-se os líderes religiosos que colocam seu saber e habilidades a serviço da comunidade. **Em geral trata-se de alguém que conhece e ama profundamente a sua tradição, seus costumes, ensinamentos, ritos, celebrações e, também, é alguém com quem as pessoas se identificam.** Tanto o é, que, pelo menos no modelo de liderança que conhecemos, no qual o líder é escolhido por meio de votação, buscamos eleger aqueles cujas qualidades se aproximam ao máximo das mencionadas acima. O líder não é um super-homem. Não é ele quem irá resolver os problemas do mundo inteiro, mas será ele que motivará as pessoas a buscarem soluções para os problemas do mundo.

Existem diversas explicações sobre o surgimento dos líderes. Há quem acredite que alguns nascem com esse dom, outros afirmam que é possível ensinar/aprender a ser líder, mas a certeza que temos é que há diversas formas de liderar: Autoritarismo, Laissez-faire, Ditatorial, Democrático, etc.

O modelo de liderança a ser seguido é de JESUS. Se nós observarmos Francisco de Assis e sua trajetória perceberemos que sua obra só pode ser concretizada por que ele decidiu imitar a Jesus. Essa decisão fez dele um líder sem igual. Quando os companheiros dele decidiram que estava na hora da ordem andar por outros rumos, e percebendo que estes rumos iam de encontro aos seus ideais, mas que seria inevitável tentar convencer os irmãos a se posicionarem de maneira contrária, Francisco simplesmente abriu mão da liderança dos frades e passou a chefia para Frei Elias. Se fosse algum de nós pensaria da seguinte forma: *Fui eu quem criou a ordem, quem quiser que saia!*

A atitude de Francisco muito se assemelhou com a prática de Jesus. No fim da sua vida Cristo não quis chamar seus discípulos de discípulos, mas de amigos, igualando-se a eles (Jo 15, 12-15) e foi além ao despojar-se de suas veste e lavar os pés de seus discípulos (Jo 13, 1-17). Embora pudesse fazer tudo sozinho, ou simplesmente determinar que qualquer coisa fosse feita, seu poder de convencimento fez com que ele fosse seguido e obedecido, principalmente por aqueles que eram tidos como escória da sociedade.

John Kennedy, um ex-presidente Norte-Americano, certa feita disse que não *sabia o segredo do sucesso, mas com certeza o segredo para o fracasso seria agradar a todo mundo*. De fato, não há uma fórmula, mas uma grande dica é espelhar-se em Francisco de Assis e em JESUS CRISTO. Humildade é uma virtude a ser praticada constantemente. Se existe algo que você não sabe, não custa nada perguntar a alguém que sabe ou que você julga saber.

A Função do Líder

“Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue”.

At 20,28

Este verso é quiçá a descrição mais rica da responsabilidade do líder cristão em toda a Bíblia. Note estes particulares:

- A primeira preocupação espiritual do líder deve ser consigo mesmo. Isto pode surpreender você, mas é verdade. “*Atendei por vós*” significa que o líder deve atender a seu próprio bem-estar espiritual primeiro. Ele deve cuidadosamente manter uma vida devocional sólida e consistente. Uma armadilha importante de Satanás é manter-nos tão ocupados que descuidamos da oração e o companheirismo com Deus através da Palavra. Muitas vezes um líder falha porque tem estado tão ocupado no ministério, tem descuidado da sua própria alma e se converte num alvo fácil para o inimigo.

- O chamado é de Deus. Mesmo que sejamos qualificados para sermos ordenados nas organizações cristãs, em última análise, é o Espírito quem nos faz bispos.

- *Apascentar* é a tradução do verbo grego *poimaino*. Este verbo significa *dirigir, com a implicação de prover e ajudar, para guiar e cuidar de*. Também significa *governar, com a implicação de envolvimento pessoal direto*.

Note que o termo, definitivamente, inclui autoridade. Um líder cristão não está ali meramente para dar sugestões. Ele tem autoridade de Deus para estar diretamente envolvido nas vidas pessoais das ovelhas. Ele alimenta as ovelhas com a Palavra de Deus.

- *Ganhou com o seu próprio sangue*- Esse texto enfatiza o valor supremo e a importância da liderança espiritual. Nenhuma ocupação ou função no mundo poderia possivelmente ser mais importante, porque nada poderia custar um preço mais alto que o sangue de Cristo.

Em poucas palavras, a função do líder é pastorear. As pessoas são mais importantes que os programas, planos ou procedimentos. Na atual sociedade tecnológica podemos facilmente perder de vista esse fato central.

Em resumo: liderar é algo simples. Isso não significa que seja fácil. Mesmo que sigamos todos os princípios corretos, as coisas podem sair mal e

podem desenvolver situações tensas. A liderança cristã pode ser um duro trabalho.

Por *simples* quero dizer que os princípios essenciais são fáceis de compreender e simples de aplicar se temos a coragem moral para fazê-lo.

Não poderíamos esgotar o tema nesse breve espaço. Buscar outras fontes é uma grande saída. Esse tema consta no livro da Formação Básica da Jufra, páginas 124 – 129. Que tal dar uma olhadinha lá? Ah! Existem livros e diversos sites que também abordam o tema, mas, cuidado! Nem tudo o que está escrito condiz com nossa realidade.

HUMANISMO

PRÁTICA DA DIMENSÃO SOCIAL DO EVANGELHO

Está claro que o Evangelho de Jesus tem uma dimensão social tão profunda que, deixá-la de lado ou negá-la, significa desfigurar completamente o anúncio e a prática de Jesus Cristo, o Filho de Deus, razão de nossa fé. Fazer uma opção de fé cristã sem assumir um compromisso social na linha da busca da justiça, da solidariedade, da supressão das situações de miséria, da justa distribuição dos bens, da defesa da vida, da opção pelos pobres, da organização dos trabalhadores em defesa de seus direitos fundamentais, é uma opção de fé incompleta, capenga, insuficiente. Fazer uma opção de fé e colocar-se contra esse compromisso é uma opção de fé falsa. É uma idolatria.

É por isso que, ao longo dos anos, a Igreja, em todas as suas instâncias (desde as pequenas comunidades até o Papa) vem refletindo, elaborando e publicando um Ensino ou Doutrina Social da Igreja. Esse Ensino Social é um esforço para ligar a vivência do Evangelho com os problemas sociais concretos vividos pelos homens, especialmente pelos pobres e oprimidos. É a aplicação da Palavra de Deus na realidade social concreta dos homens. É o esforço da Igreja para iluminar com a luz do Evangelho as situações vividas na e pela sociedade. O Ensino Social da Igreja não é apenas uma teoria, uma interpretação. Ele oferece princípios de reflexão, critérios de julgamento e diretrizes de ação.

Os princípios de reflexão nos ajudam a olhar a realidade concreta em que vivemos. Olhamos e analisamos a realidade com os olhos da fé a partir da vida concreta da pessoa humana, como filhos de Deus e centros da criação, orientados pela busca da verdade.

Os critérios de julgamento nos ajudam a distinguir e clarear qual é a vontade de Deus, qual o julgamento cristão diante dessa realidade. O Projeto do Reino de Deus é o grande critério de julgamento, detalhado nos princípios do Ensino Social da Igreja. Aqui, o cristão confronta a realidade concreta com a proposta do Reino. A fome, a miséria, a concentração da renda e da terra, a exploração do homem pelo homem estão de acordo com o Projeto de Deus? Esses critérios de julgamento ajudam a ver o que há de graça e desgraça na vida concreta das pessoas na sociedade.

Mas não fica por aí. Não se pode ficar de braços cruzados. É preciso partir para a ação concreta, colocar as “mãos na massa”. Trabalhar para construir uma sociedade justa, humana e fraterna. Por isso, há diretrizes de ação.

É o já conhecido método: ‘ver, julgar e agir’. Muitos cristãos preferem nem ver. Outros usam o ver, julgar e adiar. O momento da prática nunca chega...

“Sou a hora da ação: estão em jogo a sobrevivência de tantas crianças inocentes, o acesso a uma condição humana de tantas famílias infelizes, a paz do mundo e o futuro da civilização”. Papa Paulo VI - *Populorum Progressio*, no. 80.

O grande objetivo do Ensino Social da Igreja é clarear com a luz do Evangelho a vida econômica, social e política, tirando daí orientações para a ação dos cristãos na sociedade.

É preciso ter claros alguns aspectos:

1. O Ensino Social da Igreja analisa a realidade a partir da fé, a partir do Evangelho, a partir do Projeto do Reino de Deus, da Palavra de Deus, da Prática de Jesus e da Tradição Cristã.

2. O Ensino Social da Igreja tem um caráter e uma dimensão universal, é para toda a Igreja. Por isso, não analisa detalhadamente a realidade de cada nação. Esta dimensão universal significa que o Ensino Social da Igreja também se dirige a todas as pessoas de boa vontade (de outras religiões ou sem opção de fé), abertas aos problemas sociais e à busca de justiça.

3. O Ensino Social da Igreja não é uma ideologia, não propõe um ou outro sistema econômico-social; não defende um ou outro partido político; não é um projeto político concreto de sociedade. Seu caráter fundamental é teológico e ético.

Vamos ver um exemplo concreto: os cristãos diante da fome. A fome contraria o Plano de Deus, o Evangelho. Jesus quer vida em abundância e “partiu pães e peixes para uma multidão faminta”. Teologicamente fica claro que a fome é anticristã. Mas o cristão não fica só na conclusão teológica. Ele precisa orientar sua vida, sua ação, seus compromissos pessoais, sociais e políticos para não provocar mais fome e para combatê-la. Aí vem a ética. A ética orienta a prática para uma determinada direção.

4. Escolher as opções concretas e imediatas; as opções políticas e ideológicas; os melhores meios e as melhores opções técnicas, políticas e econômicas; os melhores programas de governo e projetos de desenvolvimento, é a tarefa dos cristãos em seus países, iluminados e inspirados no Ensino Social da Igreja.

A síntese da Boa Nova de Jesus é amar a Deus e aos irmãos. Isto não se restringe ao nosso íntimo e a um relacionamento afetivo entre nós. A missão não é especificamente conversão pessoal, não pode ser reduzida a dimensão pessoal. O nosso mal é pensar que o mundo está salvo. Ninguém se salva sozinho (a), Jesus não veio salvar só um, mas a todos; para isto o Pai o enviou, por amor. "Jesus veio para que todos tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10, 10b). Portanto, reduzir a fé a uma dimensão somente pessoal é reduzir a missão de Jesus. Quando ocorre, esse reducionismo

pessoal trará como consequência a redução da missão num âmbito comunitário-social.

A dimensão social da fé na luta pela transformação social é a Doutrina Social da Igreja (DSI) à luz do evangelho, cujos ensinamentos iluminam a prática, e isto é evangelização.

A primeira Encíclica papal sobre a questão social é datada no pontificado de Leão XIII, que traz em seu conteúdo a posição da Igreja frente aos problemas da classe operária. É claro que diante dessa Encíclica houve reações tanto pelos capitalistas quanto por parte de alguns membros da Igreja.

E esse conjunto de ações, ensinamentos sociais, os critérios da ação, o ensinamentos do Papa, doutrina, tudo isso que é denominado Doutrina Social da Igreja (DSI).

Como essa doutrina Social da Igreja influencia nossa (Arqui)Diocese?

É bom destacar que a Igreja é chamada a ser solidária com o povo sofrido, e a preocupação dessa Diocese é: assumir a proposta da Encíclica para que a dimensão social não possa ser um acréscimo a nossa fé, pelo contrário, deva ser expressão da fé no compromisso solidário com os excluídos e miseráveis.

Esse compromisso é a expressão do seguimento a Jesus e expressão do amor aos irmãos. É nossa solidariedade manifestada, como Igreja aos desolados pela seca do sertão sergipano (Poço Redondo, Monte Alegre, etc), ou aos sem teto de Aracaju e às vítimas da violência, de uma maneira específica às vítimas da violência policial.

Ser Igreja Missionária é ter consciência solidária junto aos irmãos excluídos, é ser questionadora junto ao poder público na defesa da vida. Com base nesse princípio, a Igreja do Brasil lançou na década de 60 a Campanha da Fraternidade, que visa levar os católicos e, em algumas vezes, os evangélicos, a refletirem durante um ano, mais especificamente durante a quaresma, sobre temas afetos à dimensão social do evangelho, ou seja, que vão de encontro a dignidade da pessoa humana, direta ou indiretamente.

A supervalorização da dimensão espiritual e o desprezo pela dimensão humana, social existencial e estrutural, fez do Evangelho de Cristo algo apenas espiritualista, desvinculados da dimensão humana. Ao afirmar que o ser humano é composto de corpo e espírito o mesmo passou a ser entendido de forma dualista (corpo para cá / espírito para lá).

A Missão Integral, além de preocupar-se com o bem estar espiritual e salvífico do ser humano, também se preocupa com o bem estar social, existencial e estrutural. A desfragmentação do ser humano, a supervalorização da dimensão espiritual e o desprezo pelas questões estruturais, existenciais e sociais da vida humana, contribuíram para uma eclesiologia egoísta apenas entre EU + DEUS, a qual contribuiu para o esquecimento da espiritualidade

que é produzida entre o relacionamento solidário entre EU + TU que é o meu próximo.

Quando se valoriza demais a espiritualidade entre EU e DEUS e despreza a espiritualidade entre o EU +TU, há uma tendência muito grande de fechar os olhos para as questões sociais e ficar apenas na esperança da volta de Cristo. A volta de Cristo não é um escapismo, uma fuga da realidade. Por isso, enquanto Jesus não vem, nós estamos dentro de um ambiente social e, dentro deste contexto social, a igreja, os cristãos, devem estar voltados sim para as questões social e solidária para com o seu próximo. Mostrando que realmente ela é portadora de uma mensagem transformadora.

“E Jesus perguntou aos apóstolos: quantos pães tendes? Ide ver” (Mc 6,38) E os apóstolos comprovaram que tinham cinco pães e dois peixes.

Esse é o principal desafio às nossas fraternidades. Na verdade, o grande milagre que Jesus alcançou do Pai foi, de fato, a abertura dos corações à partilha, isto é, cada um se alimentou e dividiu com o próximo o que tinha, por isso deu para todo mundo e ainda sobrou. É preciso fazer acontecer a partilha e a solidariedade numa sociedade dilacerada pela acumulação, pela injustiça e pela fome.

A JUFRA, em sua carta teológica, O Manifesto da Juventude Franciscana, afirma estar disposta a engajar-se neste projeto social da igreja. Em seu item 9º, de forma enfática, os jufristas afirmam estar dispostos a dar suas vidas pela salvação do mundo.

Dentro dessa filosofia, o movimento dispõe de uma Subsecretaria responsável por dar voz a Dimensão Social da Igreja, levando todos os jovens franciscanos a engajarem-se de maneira afetiva e efetiva nos trabalhos sócio-pastorais e dirimindo possíveis dúvidas.

A SubDHJUPIC deve ir além de ações simplórias ou discursos que não chegam a lugar algum, como por exemplo: a licitude da doação de esmolas – assistência X assistencialismo – pois, enquanto isso, o irmão morre de fome. Isso é justo? E o ordenamento bíblico: ‘Estive faminto e me deste de comer?’ Se não temos tarimba para encabeçarmos uma ação sozinhos, porque não nos unimos a outros movimentos/pastorais sejam eles cristãos ou não? Pensemos em ações em defesa do meio ambiente. Embora São Francisco seja o patrono do meio ambiente, deixamos a desejar nessa área. Há ONGs, a exemplo do Greenpeace, que trabalham melhor que nós nessa área.

Agora chega de blá – blá – blá. Seja você ou não o subsecretário de Direitos Humanos Justiça Paz e Integridade da Criação está na hora de pensarmos em algo de CONCRETO para realizarmos. Pense que ações como essa exigem planejamento prévio (a data conta muito, o local e o público alvo também), mas comprometa-se com a obra. Melhor dizer que não irá do que dar sua palavra e não aparecer (Mt 21, 28-32).

HUMANISMO

MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

... Sei que a televisão, o rádio e o jornal convencem mais cabeças do que o Padre lá no altar.

Pe. Zezinho

Num sentido amplo, comunicação é entrar em relação, estabelecer laços, colocar algo em comum. E aí usar todos os recursos possíveis: desde a Internet, a TV, o rádio, o vídeo, o cinema, o jornal, a revista, o boletim, o livro, até a comunicação direta, no relacionamento pessoal, via pregação, o diálogo, a catequese, a liturgia e os mais diferentes grupos nos quais se dá a partilha da palavra com intuito de comunicar e evangelizar.

Podemos entender Meios de Comunicação Social (MCS) como sendo o espaço em que se realiza o processo de relacionamento e no qual é trabalhada a comunicação.

PARA O BEM OU PARA O MAL

Os comunicadores têm, ou deveriam ter, a consciência de que trabalham com recursos técnicos poderosíssimos, que são capazes de atingir instantaneamente milhares de pessoas e de exercer influência decisiva sobre suas vidas.

A comunicação tem o poder tanto de enriquecer quanto de empobrecer culturalmente um indivíduo ou uma sociedade. Na medida em que se rouba ou se desenvolve a capacidade de pensar, de escolher e decidir; na medida em que se faz a cabeça do receptor ou se desenvolve seu espírito crítico. Ela pode ser um serviço de superação de injustiças sociais, como pode servir à promoção de uma sociedade de consumo, de individualismo, tirando aos poucos a liberdade de escolha própria, de mudança pessoal e social e até de personalidade, fazendo o receptor da mensagem dançar conforme a música que o comunicador quer. A influência é tão grande que hoje se diz: “o povo será aquilo que o comunicador quer que ele seja”. Isso nos faz lembrar um termo, utilizado pelos estudiosos e estudantes de jornalismo, denominado de “AGENDA SETTING”.

Agenda setting

Por Fernando Rebouças

No estudo a respeito da influência que a mídia exerce no pensamento do cidadão, há duas teorias que investigam a respeito: a “agenda setting” e a “espiral do silêncio”. A mídia ao selecionar determinados temas a serem veiculados, por outro lado, apaga os demais temas que não entraram na pauta de informação daquele dia. Um assunto que é noticiado com determinada força no ambiente macro-social acaba colocando no

esquecimento outros assuntos não veiculados, mesmo sendo de grande importância para a sociedade.

O termo “agenda setting” significa pauta de fixação, uma forma de direcionar a atenção que os leitores e telespectadores de uma reportagem seguirão, ou seja, a mídia aponta quais os temas serão considerados de interesse coletivo. Segundo Walter Lippmann, o conhecimento que as pessoas têm do mundo exterior é formado pela seleção midiática de símbolos presentes no mundo real, criando uma relação entre a agenda midiática e agenda pública.

A “agenda setting” segue fatores condicionados á mensagem e recepção, considerando a necessidade de orientação do público sobre determinado assunto. No quesito mensagem, a análise mais forte está nas manchetes políticas, pois a mídia aponta e interfere na formação de opinião pública a respeito da luta do poder. Nesse caso, a mídia utiliza como artifícios a dramatização dos acontecimentos nela noticiados, a personalização do conteúdo na matéria e a apropriação de dinâmica nos acontecimentos para acelerar o entendimento do receptor da mensagem.

Na televisão, o “agenda setting” é utilizado em notícias de interesse geral como forma de influência na agenda pública. Ocorre através de uma cobertura intensa num curto espaço de tempo. A teoria da “espiral do silêncio” foi criada por Noelle-Neuman em 1972.

A teoria da “espiral do silêncio” inicia quando há o medo do isolamento social por parte dos indivíduos, fazendo o individuo se sentir isolado caso discorde da opinião pública dominante imposta pelos veículos de comunicação. O silêncio das opiniões minoritárias, ou colocadas como minoritárias, tende a se tornar cada vez mais isolantes à medida que a opinião geral toma mais força através da mídia.

Em certos aspectos, os progressos tecnológicos dos meios de comunicação venceram o tempo e espaço, permitindo também comunicação entre pessoas divididas por enormes distâncias. Esse desenvolvimento exige uma grande oportunidade para servir o bem comum e constitui “um patrimônio que deve ser salvaguardado e promovido.” Mas, como bem sabemos, nosso mundo está longe de ser perfeito e verificamos quotidianamente que a rapidez da comunicação nem sempre consegue criar um espírito de colaboração e comunhão na sociedade. Iluminar as consciências dos indivíduos e ajudá-los a desenvolver seu próprio pensamento não é tarefa fácil. A comunicação autêntica deve basear-se na coragem e na decisão; é preciso procurar difundir as verdades fundamentais e o significado profundo da existência humana, pessoal e social. Desta forma, os meios de comunicação podem contribuir construtivamente para a difusão de tudo que é bom e verdadeiro.

Essa afirmação é interessante. Contudo, mesmo com toda a coragem de comunicar a verdade e o bem, é preciso salientar que levar a mensagem requer saber como e por onde enviá-la. A sociedade em si pode ser

transformada por meios de comunicação de qualidade, desde que esses estejam disponíveis para o trabalho de reconstrução e formação dos povos.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO NO BRASIL

Numa real comunicação, os interesses devem ser comuns. A comunicação humana é essencialmente dialogal. Comunicar é reconhecer e considerar o produtor e o receptor da mensagem. Segundo alguns relatos da 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, que aconteceu no Brasil, nós vivemos em uma sociedade multi-midiática, na qual cada canal de comunicação se vale de sons, imagens, movimentos, cores, expressões, símbolos e sofisticadas tecnologias. Para entreterem, informarem e propagarem produtos, imagens e ideias, os meios de comunicação acabam influenciando regras, modos de agir e de pensar; redefinindo, entre outras coisas, o tempo e o espaço do saber e do conhecimento.

Através de imagens, sons e demais meios tecnológicos, os meios de comunicação podem – e devem – contribuir para uma sociedade mais justa e dinâmica. Entretanto, o mercado vem ditando as normas de como se levar a informação até a sociedade. Determinadas informações, às vezes, são impedidas – ou então transformadas – por motivos comerciais, ou seja, a imprensa é financiada pela propaganda. Aí já percebemos como não é tão fácil comunicar somente com a intenção do bem. Para os nossos dias, comunicar é também vender uma marca. E é aí aonde pode morar a parte maléfica da comunicação: a influência – em certos casos maléfica – dos povos.

Sabemos que os meios de comunicação do Brasil estão nas mãos de grupos políticos. Praticamente 85% das empresas de rádio, televisão, jornais e internet têm por trás a influência política. Quando se fala em reivindicação política, econômica e social, é preciso lembrar que as empresas estão embasadas em um detalhe, chamado de LINHA EDITORIAL. Se a linha da emissora de rádio for contrária ao que se quer ser denunciado, fica mais complicado. Mas, se outra emissora concorrente tiver uma linha editorial mais livre, aí as reivindicações têm maior amplitude. Ou seja, depende de que lado e do nível de interesse dos proprietários das emissoras.

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E A FAMÍLIA

Os MCS abrem as portas e invadem as famílias, participando diretamente das mesmas. Com efeito, essas informações entram na família pela TV, rádio, jornal, que são mais que simples visitantes, são quase membros da família. Anunciadores, produtores, locutores, etc.. Entra em casa toda a bagagem ideológica, capaz até de mudar pensamentos e comportamentos. Atuam com enorme poder na estruturação da personalidade das crianças e dos jovens. As crianças são, talvez, as mais atingidas porque estão diante de uma série de informações, introduzidas com velocidade feroz no processo de

formação; são indefesas diante do mundo veiculado pelos MCS. Nessa situação, a educação dos pais é desafiada pela dominação ideológica capitalista que abordam os seus filhos, mesmo assim, em colaboração com os pais, os meios de comunicação social e as indústrias de espetáculo podem servir de apoio na difícil, mas nobre, missão de educar crianças e jovens, apresentando modelos edificantes de vida humana e de amor.

A comunicação social deveria ter como base principal a educação acima de tudo. Muito se debate sobre a programação em si. Mas o que percebemos são emissoras e demais órgãos de imprensa que pouco investem nessa área. Como comentado antes, o lado comercial fala mais alto. Talvez seja mais fácil anunciar nos – raríssimos – programas infantis – educativos ou não – uma “Boneca Barbie” a ensinar uma menina a produzir uma boneca de pano. Esse é só um pequenino exemplo de como é complexa essa questão de educar através dos meios de comunicação. As emissoras públicas ainda fazem esse trabalho, mas, como foi citado anteriormente, todas as formas de comunicar DEVEM ser voltadas à educação.

Nesse sentido, Jesus Cristo é comunicador por excelência porque se identifica com a pessoa humana para revelar-lhe as coisas do Pai. Ele é a palavra de Deus que se fez carne para falar de dentro da realidade. Ele realiza um diálogo com homens e mulheres. Sua vida foi escutar os apelos dos oprimidos para amplificá-lo até o Pai-Nosso. A comunicação que Deus estabeleceu em Jesus Cristo com a humanidade busca a libertação dos pobres e a construção da fraternidade humana. Ele se comunica através de parábolas, partindo de fatos da vida para transmitir a mensagem, despertar adesão e provocar a transformação da realidade.

Esse diálogo iniciado por Deus deve continuar hoje, no mundo, pela Igreja, e os meios de comunicação que ela possui. Ela só poderá prestar um real serviço ao povo de Deus à medida que estiver profundamente inserida na vida do povo, à medida que mergulhar no povo, na sua cultura, nos seus fracassos, nas suas lutas e esperanças e à medida que ela possa se identificar com os anseios populares.

O nosso grande, sério e urgente desafio é perceber como estamos nos relacionando com os meios. A formação da consciência crítica, a capacidade de interpretar a informação, a mensagem, de desvendar suas intenções ideológicas e contraditórias. Além de ser ministério e tarefa da igreja é nosso também.

“O chamado a sermos fiéis à comunicação de Deus em Cristo é um chamado a reconhecer sua força dinâmica dentro de nós, que depois se alarga aos outros, para que este amor se torne realmente a medida dominante do Mundo.”

Bento XVI – Jornada Mundial da Juventude, 2005.

HUMANISMO

VIVÊNCIA GRUPAL

O que é grupo

O grupo é um número de pessoas reunidas com um objetivo. Os seres humanos se agrupam por vários motivos, isso acontece por forças naturais do ser humano. Agrupam-se, de modo geral, por motivos que agora vamos expor, levando em conta uma destas cinco fontes de atração interpessoal:

Afetividade sexualizada: duas pessoas, de sexos diferentes, se unem para as alegrias da vida conjugal. É o grupo dos namorados, dos noivos, dos esposos. A força que os une é o afeto sexualizado.

Consanguinidade: aqueles que nascem do grupo conjugal sentem entre si um tipo de atração que os une de maneira muito forte. A força é o sangue comum. É o grupo familiar: irmãos e irmãs, pais e filhos, avôs e avós.

Afinidade: pessoas, mesmo de sexos diferentes, sentem-se atraídas por um sentimento que não é o sexo e nem o sangue. Com base nesse sentimento, formam o grupo de amizade, que nasce da afinidade. Os que possuem afinidades entre si são pessoas cujas “vibrações psíquicas” vibram no mesmo ritmo. Por isso sentem-se atraídas umas para as outras por uma força poderosíssima, profundamente coesiva, que é a amizade. Formam o grupo dos amigos.

Raça e pátria: a experiência de pátria e raça também se transforma em força coesiva que une pessoas. Pessoas de mesma pátria, sobretudo quando se encontram em pátria estranha, sentem profunda força que as une entre si.

Interesses: pessoas cujos interesses são comuns, de igual modo, tendem a se agrupar. Os que gostam do esporte unem-se aos que sentem o mesmo gosto. Os que gostam da arte procuram os que praticam a arte. Os que trabalham na mesma firma, mesma indústria, etc. unem-se e convivem, embora essa seja uma forma de união entre pessoas muito superficial.

Todos esses cinco tipos de agrupamentos entre pessoas derivam de forças naturais que nascem com os seres humanos.

O que é um grupo fraterno

O grupo fraterno é um lugar de crescimento e de aprimoramento pessoal e comunitário. Seria errado buscar no grupo fraterno uma compreensão de fracassos na vida familiar e afetiva. O grupo fraterno é um lugar e nele há pessoas que podem nos ajudar para juntos buscarmos soluções, para haver intercomunicação de experiências e vivências, mas não compensações. A personalidade do grupo cresce na medida em que se intercomunica vivencialmente.

Na vivência grupal devemos salientar mais o “nós”, esquecendo um pouco do “eu”. Somente assim haverá um grupo integrativo, uma fraternidade na qual o principal é o irmão.

De acordo com estatuto nacional: “A Juventude Franciscana do Brasil é formada por aqueles jovens que se sentem chamados pelo Espírito

Santo para fazer, em fraternidade, a experiência de vida cristã, a luz da mensagem de São Francisco de Assis, aprofundando a própria vocação no âmbito da Ordem Franciscana Secular.”

A Jufra não é um grupo, mas um movimento de engajamento cristão e franciscano organizado em fraternidades: local, regional e nacional. Somos um movimento de jovens que buscam viver a espiritualidade de São Francisco e de Santa Clara, se unem para vivenciar esse ideal de vida e quer a fraternidade por opção. Toda a nossa caminhada deve ser questionada em cada passo, em cada ação, para sentirmos se estamos respondendo a este chamado à fraternidade.

Procure colocar em prática o minorismo, que é espírito de serviço pronto, humilde e disponível. Isso é também fundamental para nossa caminhada franciscana. Não há fraternidade sem minoridade. O grupo fraterno deve estar sempre disposto a servir e o seu campo principal de serviço é o próprio ambiente aonde ele vive, as necessidades do meio. O pobre, o sofredor, o abandonado, o perseguido e o oprimido são os nossos irmãos que merecem todo o nosso cuidado e o nosso esforço.

No contexto grupal, cada um situa-se no grupo a partir de seu departamento, que é o seu canal de participação, de treinamento e de exercício de fraternismo, de minorismo e de inserção no mundo. O grupo fraterno como um todo deve sentir-se situado, vivo e atuante dentro do fraternismo e numa comunidade onde habita.

Os principais valores a serem treinados na fraternidade são: a disponibilidade, a simplicidade, a amizade, a alegria, a fraternidade e outros valores que o grupo fraterno sinta ser importante treinar.

Os contra valores a serem evitados são, principalmente: O caciquismo – modo de ser daqueles que pisam por cima das normas que regem a fraternidade, que planejam por conta própria; não consultam ninguém; decidem pelo grupo; não dão explicações.

Machismo – modo ser no qual se exagera a afirmação do masculino. A última palavra, aquela decisiva é a do homem, fazendo impor-se a força masculina. Fofuquismo – é a arma dos covardes, que não tem coragem de enfrentar o irmão “face a face”. Ficam inventando conversas nas costas dos outros. É a causa de desmoronamento de muitas fraternidades. Namorismo – gente que proíbe que seu namorado(a) conviva com os outros, etc.

O grupo fraterno é entendido como um conjunto de pessoas que:

São interdependentes na tentativa de realização de objetivos comuns;

Visam a um relacionamento interpessoal e fraterno.

A tentativa de realização desses objetivos cria, no grupo fraterno, um processo de relação entre pessoas que se influenciam reciprocamente.

Num grupo fraterno, cada uma das pessoas ajuda as outras e é apoiada por elas, projeção sobre os outros de seus problemas pessoais.

O desenvolvimento de um grupo fraterno

A democracia caracteriza-se por depositar confiança no grupo. O desenvolvimento de nossa fraternidade depende de um processo democrático.

Acredita-se que os seguintes suportes são fundamentais para uma confiança no desenvolvimento de uma fraternidade:

Os grupos fraternos têm, dentro do alcance de suas capacidades, a faculdade de:

- Reconhecer, definir e resolver seus problemas comuns;
- Satisfazer suas necessidades comuns;
- Trabalhar conjuntamente.

A ação do grupo está baseada no consenso geral do grupo, conseguido mediante a participação de todos os integrantes, de comum acordo e com suas aptidões diferenciais para contribuir. Acredita-se que as atividades dos grupos fraternos são mais aceitáveis e produtivas quando se desenvolvem pelo grupo como um todo, do que quando é apenas a opinião de um indivíduo ou de um subgrupo.

A produtividade do grupo fraterno pode melhorar muito mediante esforços, tanto da totalidade de seus membros como dos elementos, individualmente, para:

- Melhorar as capacidades de relacionamento interpessoal;
- Desenvolver melhor a dinâmica de grupo;
- Valorizar continuamente os serviços para alcançar os objetivos esperados.

Por que nos reunimos

Quando participamos de um grupo fraterno, nos comprometemos a ser solidários com os objetivos de nosso grupo, a participar de reuniões. Isso nos leva a tomar uma consciência mais nítida para assumir e desempenhar os objetivos do grupo, mesmo que estejamos em desacordo parcial com os métodos ou meios de ação.

As reuniões nos permitem:

Trocar nossas ideias e experiências com os outros membros da fraternidade;

Participar ativamente da vida de nossa fraternidade;

Comprometer-nos pessoalmente com os serviços e resultados de decisões tomadas em equipe;

Assumirmos o meio em que estamos inseridos para uma formação coletiva e uma vida fraterna.

O jovem dentro do grupo fraterno

A participação num grupo fraterno leva o jovem a:

Adotar determinada atitude em relação a outros membros do grupo, deixando de lado certos aspectos pessoais;

Desempenhar relações sociais horizontais que implicam igualdade de condições;

Sentir que o grupo fraterno se estrutura em torno de lideranças;

Perceber que, cada pessoa é particular:

Pelo seu modo de pensar;

Pelas suas percepções;

Pela sua própria natureza.

Iluminação bíblica:

Lucas: 6,12-16 – escolha dos doze apóstolos;
Salmo: 133(132) – união fraterna;
Atos dos apóstolos: 2, 42-47 – primeiro retrato da comunidade.

Como a JUFRA se reúne

A jufra é um grupo fraterno e, para que tenha bom desenvolvimento, há necessidade de que haja distribuição dos trabalhos. Um grupo fraterno, entre outras coisas, precisa saber reunir-se e, em reunião, precisa saber conduzir um assunto de maneira ordenada, proveitosa, eficiente, racional. O saber reunir-se denominamos: dinâmica de reunião.

No âmbito da dinâmica de reunião um grupo fraterno tem suas exigências elementares, sua maneira de fazer uma boa reunião. Trataremos aqui das exigências fundamentais para fazer uma reunião: Animador (a), Recepcionista, Cronometrista, Espiritualizador, Secretário(a),

Avaliação da fraternidade

A fraternidade de JUFRA deverá fazer revisão/avaliação da vida em fraternidade periodicamente, devendo esse período ser estabelecido pelos irmãos participantes locais.

Para fazer uma avaliação podem ser utilizadas as mais variadas dinâmicas, porém, é importante atentar para todos os aspectos da vida em fraternidade, tais como:

Cumprimento do planejamento da fraternidade, ver sugestões para mudança;

Relacionamento entre irmãos;

Participação na comunidade de fé e na comunidade social;

Participação na vida das famílias dos irmãos;

Relacionamento com a OFS e com os Frades franciscanos;

Trabalho do Secretário Fraterno Local e suas subsecretarias;

Outros (a critério da fraternidade local).

A correção fraterna, aqui chamada de avaliação, tem como finalidade estabelecer novos critérios para o crescimento da fraternidade e volta aos ideais franciscanos. “para que no fim de cada discussão, não haja vencidos ou vencedores, mas sim irmãos”. (oração da fraternidade Devocionário Franciscano).

Iluminação bíblica

2 coríntios 8, 7-8 – O exemplo de Cristo